

UM OLHAR SOBRE A SOCIALIZAÇÃO TARDIA NA GRADUAÇÃO

Jennifer Juliana Barreto Bezerra Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Curso de Pedagogia

RESUMO

A partir de uma experiência de socialização no curso de Pedagogia, o presente artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre os meus próprios momentos de interação, principalmente nas relações com a minha turma, além de estratégias e razões que foram fundamentais para a minha permanência no curso. A fim de atingir esse objetivo, foi realizada uma sociobiografia, sendo ela uma escrita sobre a experiência de si mesmo com outros significantes. A partir dessa sociobiografia, e a partir da leitura de autores como Ferreira (2014), Coulon (2008) e Paivandi (2014), foi possível refletir sobre a minha formação e sobre o *meu eu*. Nesse contexto, foi perceptível que a socialização é de fato importante para um bom desenvolvimento no ambiente universitário, porém, não determinante. Sendo assim, essa experiência de socialização abre portas para a discussão sobre a socialização no ambiente universitários, seus impactos e as formas de estratégias para lidar com esse novo ambiente estranho.

Palavras-chave: Socialização. Sociobiografia. Ensino Superior.

1. INTRODUÇÃO

Durante o meu percurso no Ensino Superior, tive a oportunidade, a partir de diversas leituras, de elaborar um significado para *socialização*, que seria inicialmente a capacidade do indivíduo em se integrar ao grupo em que nasceu, absorvendo o conjunto de hábitos e práticas característicos daquele grupo. Como acontece na sociedade contemporânea, essa integração ao meio social inclui, desde os seus primeiros anos a experiência escolar que as pessoas vão adquirindo. Esse é um campo igualmente fundamental para orientar e desenvolver o processo de socialização.

Para Ferreira (2004, p. 14), um dos aspectos da socialização ligados à escolaridade é: “a possibilidade de obtermos reconhecimento público a partir de nossa educação pessoal, isto é, o conjunto de saberes e conhecimentos que aprendemos e que nos foram ensinados”. Para Paivandi (2014, p. 50), especialmente na perspectiva da vida acadêmica no Ensino Superior:

A socialização é um processo que permite ao estudante se apropriar do papel dos outros e de construir assim seu “Eu” enquanto estudante. Levar em consideração o papel do outro remete ao processo de adaptação mútua, de apropriação recíproca dos papéis que se realizam nas interações visíveis e invisíveis do ambiente universitário. Esse processo de adaptação permite a interiorização de atitudes, de dispositivos, de valores, de crenças e de expectativas

É importante que, para falarmos sobre socialização, também se possa refletir sobre a diferença entre *socialização* e *sociabilidade*. Se a socialização é esse processo coletivo e biográfico, então a sociabilidade seria a competência genuína da espécie humana, isto é, a predisposição natural dos seres humanos para viverem em sociedade, mesmo que essa orientação seja genética, as formas efetivas da vida social são desenvolvidas a partir dela pela socialização. Dessa forma, de acordo com Ferreira (2014), a sociabilidade dos estudantes universitários pode ser dividida em três modos: o modo solitário, evitando-se a vida social e preferindo o isolamento; o modo gregário, alternando-se entre a vida social e o recolhimento pessoal; e o modo societário, dedicando-se

intensamente ao contato social e à vida coletiva. Logicamente, no primeiro modo, o da solidão, o estudante é muito introspectivo, com uma fraca implicação ou ausência na vida coletiva (nesse caso, essa sou eu), além dos momentos obrigatórios em sala de aula.

Com isso, o tema gerador deste trabalho teve como motivação um fator de grande peso em minha formação acadêmica: a participação como bolsista de Iniciação Científica. No ano de 2015, fui convidada pelo meu atual orientador a fazer uma entrevista para participar de sua base de pesquisa. E consegui a vaga. Confesso que quando entrei para a base, não tinha muita afinidade com o tema, mas aceitei ser bolsista por ser uma oportunidade que era disputada por muitos alunos. Afinal, quem não quer ser bolsista de Iniciação Científica?

Além da base de pesquisa, outro ponto que me motivou na escolha do tema foi a minha própria vivência dentro do Curso de Pedagogia e como se deu a minha socialização nesse percurso. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo descrever e realizar uma autoanálise acerca do meu percurso de socialização durante a graduação no curso presencial de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Para a realização deste trabalho, utilizarei como um dos suportes conceituais a noção da sociobiografia. Para Ferreira (2006), a sociobiografia, termo criado pelo autor, é a escrita sobre a experiência de si mesmo, juntamente com as experiências com os “outros significantes” e as referências sociais de ancoragem. Essas experiências com “outros significantes” expressa a ideia de pessoas que têm importância crítica e emocional em nossas vidas, como familiares e amigos íntimos. Ao longo deste relato sociobiográfico, trarei a análise sobre os meus próprios momentos de socialização, principalmente nas relações, ou a falta delas, com a minha turma, além de estratégias e razões que me motivaram a continuar no curso.

2. Uma experiência no curso de Pedagogia

a. O início de tudo

Realizando a revisão bibliográfica para a realização dessa sociobiografia, descobri que o início da socialização de uma pessoa ocorre quando ainda somos crianças, com a nossa família, em nossa casa. Dessa forma, há dois tipos de socialização, segundo a clássica proposição de Berger e Luckmann (1985), a socialização primária e a secundária. A primária é considerada a primeira socialização que o indivíduo conhece na infância, tornando-se membro da sociedade. Já a socialização secundária é qualquer processo que ocorre depois que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade.

Dessa forma, na socialização primária os “outros significativos” são impostos pelo contexto, uma vez que nascemos em uma estrutura social objetiva, na qual há outros significativos que são responsáveis por nossa socialização. Esses “outros significativos” são normalmente os membros da família e as pessoas ao nosso redor. Porém, mesmo que nessa fase primária nós tenhamos que aprender os elementos culturais da sociedade em que vivemos, nós também começamos a formar a nossa identidade própria. De acordo com Turner (1999), a partir do momento em que nascemos, já nos encontramos em uma estrutura social que vai nos impor uma configuração cultural, na qual é necessário interagir e se relacionar com outros.

Além disso, é a socialização primária a responsável pelo primeiro processo educacional do indivíduo. Pensando nisso, a primeira educação que recebi foi vinda dos meus pais. A questão das primeiras palavras, de como agir em certas situações, como por exemplo, não chorar ou não fazer “birra” quando me negarem algo. E vendo pela perspectiva de Berger e Luckmann, eu realmente aprendi os elementos culturais da sociedade em que vivo, mas também criei a minha própria identidade, o que me preparou para o início da minha vida escolar.

Após o início da minha socialização primária, fui para a minha primeira escola, O Núcleo de Educação da Infância (NEI), na qual estudei toda a

Educação Infantil. Acredito que seria bastante enriquecedor para o trabalho se eu falasse dessa minha primeira escola, por ser considerada uma “escola modelo”, mas tenho que ser sincera, eu não lembro de quase nada. Lembro que eu gostava bastante do espaço físico, como a biblioteca, que eu achava enorme e que na minha cabeça havia inúmeros livros da Bruxa Onilda e a brinquedoteca, que eu achava o local mais incrível da escola, pois nela, eu poderia ser quem eu quisesse com os mais diversos espaços para aprender e socializar com meus colegas, além de vir em minha memória algumas lembranças de festividades, como o São João e a Semana da Criança. Minha mãe me fez lembrar de um fato interessante sobre o São João: eu ensaiava e ensaiava, mas no dia de dançar mesmo, eu fazia de tudo para não participar do momento junino. Mas já a Semana da Criança adorava participar. Nela, eu fazia passeios de bicicleta na Praça Cívica e participava de lanches cooperativos, que eram sempre uma festa só. Mas é basicamente apenas disso que me lembro.

Para muitas pessoas lembrar dos anos iniciais de escolarização é algo “normal”, mas o fato de eu não me lembrar dos meus iniciais me faz refletir sobre os impactos dessa “não lembrança” em minha vida. A lembrança desse momento é muito importante para a nossa formação de identidade e construção enquanto sujeito. Então essa “negação”, de uma forma inconsciente, da “não lembrança” pode ter implicações nos meus processos de socialização no decorrer da minha vida, podendo torna-la mais difícil e até mesmo dolorosa.

Depois da Educação Infantil, quando eu posso imaginar que já devia estar um pouco mais madura, com seis ou sete anos, troquei de escola e fui para uma, que hoje sei, tinha uma pedagogia semelhante à minha anterior, a Escola Freinet. Essa pedagogia, considerada uma pedagogia ativa¹, tem a intenção de possibilitar que o aluno seja ator de sua história e com isso consiga agir de forma responsável e coletiva. Nela, o aluno está sempre aprendendo dentro de um processo de construção do conhecimento que nunca se acaba, enriquecendo-se com as experiências cotidianas. Dessa escola eu lembro bastante, tanto, que mantenho um grande carinho.

¹ Pedagogia que tem como principal característica a inserção do aluno, sendo ele o principal agente responsável pela aprendizagem

Nela, fiz amizades que permanecem até hoje. A escola tinha como principal objetivo promover a liberdade de expressão e cooperação. Com esses dois pilares, eu me sentia muito à vontade para me expressar e fazer amigos. Para Matos (2012), nessa idade, visto como o estágio de operações concretas, segundo as teorias de Piaget, há um progresso na questão da socialização da criança, o que faz com que aumente os seus vínculos afetivos, além das relações de amizade e confiança. Então eu era aquela aluna que adorava conversar com toda a comunidade escolar, tanto aluno, professor e até mesmo o porteiro da escola.

Permaneci na escola por aproximadamente dez anos, e, posso dizer com toda a certeza, que a pessoa que sou hoje deve muito a essa experiência e lugar. Em 2010 foi o meu último ano na escola, pois não havia Ensino Médio, e em 2011 tive que ir para uma escola na qual a pedagogia não era em nada semelhante com a anterior, e onde eu não conhecia ninguém. Willian Corsaro e Molinari (Apud Müller, 2008, p. 129):

[...] percebem três ritos de passagem na transição das crianças de uma escola para a outra. O primeiro seria a separação, ou seja, a parte final do último ano na escola; o segundo, a incorporação da cultura da escola nova; e o terceiro seria um processo de passagem entre as duas primeiras.

Dessa forma, eu passei tanto pelo rito de passagem de separação, por ter que trocar de escola por ser o último ano e também pelo rito de passagem de ter que incorporar a cultura da nova escola. Eu me esforcei bastante para incorporar a nova cultura, mas ela ia contra tudo que eu havia aprendida ao longo dos meus últimos dez anos.

b. Educação Básica: uma trajetória memorável

Como disse anteriormente a vocês, no Ensino Fundamental estudei em uma escola que pôde me proporcionar momentos que foram fundamentais em minha vida, tanto pessoal quanto acadêmica. Pude desenvolver de fato os valores da cooperação, solidariedade, livre expressão, cidadania, valores esses que pude levar comigo, mas que, infelizmente, nem sempre eram “bem vistos” nas instituições de ensino seguintes.

A minha transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio foi bastante conturbada, sendo essa uma passagem crítica na carreira escolar, muitas vezes deixando marcas traumáticas nos estudantes, pois, para Ferreira (2014), os estudantes chegam socializados de acordo com a educação escolar anterior, e foi exatamente o que aconteceu comigo. Não falarei aqui o nome da escola do Ensino Médio por questões éticas, mas eu estava acostumada a uma escola onde o seu principal pilar era a cooperação, cai de paraquedas em uma escola onde o seu principal pilar era: estudar e tirar boas notas, para que assim pudéssemos nos destacar no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM). Eu estava em uma escola que se preocupava mais com quantos alunos passaram para uma universidade federal que, conseqüentemente pudessem divulgar esses dados como marketing positivo para a escola como empresa, do que com o próprio conhecimento. Era uma escola com exaustivas aulas expositivas e com um grande acúmulo de informações. Foi então que, o caos na minha rede de amizades começou.

Normalmente, de acordo com a própria disposição da sociabilidade do ser humano e com o desenvolvimento psíquico das pessoas, é considerado um movimento estruturante a busca de iniciar e manter relações de amizade, ou seja ter um grupo estável de amigos, configurando-se esse processo como parte de fundamental importância na socialização. Contrariando essa tendência na socialização, na minha situação particular passei três anos em uma escola onde não tive muitos amigos, o que era pouco, levando em consideração a grande quantidade de alunos no estabelecimento. De fato, posso contar nos dedos quantos amigos eu tive na escola: somente quatro. Mas foram essas poucas amizades que me fizeram ter forças para sobreviver a esses três anos massacrantes de semanas de provas, advertências, intolerância, etc. E quando consegui entrar na Universidade pensei: “o Ensino Superior não pode ser pior do que o Ensino Médio”. Sabe quando dizem para não falarmos que algo não pode ser pior, porque sempre pode piorar? Então, piorou.

Pensando nessa transição de escolas e como essa transição me deixou marcas profundas, acredito que tenha sido uma trajetória memorável por diversas razões. Uma delas foi que, vendo os meus momentos em sala de aula no Ensino Médio, eu consigo perceber o tipo de professor que eu não quero ser,

ou até mesmo o tipo de instituição que eu quero trabalhar, pois, eu vivi na pele situações que hoje, de certa forma, eu abomino, como apenas a mera transmissão de conhecimento para o aluno, e não a construção dele. Outra razão para ser memorável foram os problemas que eu tive para me adaptar a um ambiente que era totalmente hostil para mim, no qual eu não me sentia segura em ser quem eu era.

c. Ensino Superior: uma questão de sobrevivência

Concluindo o Ensino Médio, em 2013, sem ter ingressado de imediato na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), decidi que em 2014 eu faria um cursinho preparatório para o ENEM. Passei cerca de seis meses me sentindo no Ensino Médio novamente, o que me provocou uma imensa frustração por ter que estudar tudo o que eu já havia estudado durante três anos. A ideia de ter que fazer outra prova do ENEM me deixava bastante angustiada, até que fui chamada para o cadastro reserva no Curso de Pedagogia da UFRN. Fiquei muito feliz, apesar da minha mãe não ter ficado muito esperançosa quanto ao cadastro reserva.

Após uma conversa com minha mãe me alertando de que eu não deveria criar muita expectativa sobre o cadastro reserva, continuei estudando. Um tempo depois, fui surpreendida com a ligação de uma amiga dizendo que eu tinha conseguido entrar! O meu maior sonho de estudar em uma universidade pública, no curso que eu queria, estava se realizando. Eu estava finalmente saindo do Ensino Médio e ingressando no Ensino Superior. Com a aprovação, na minha cabeça, acabariam as pressões (por parte dos meus pais e até mesmo da sociedade) e a angústia de ter que fazer outro ENEM. Porém, no momento que algumas preocupações pareciam acabar, outras novas começavam.

O ingresso no Ensino Superior, de uma forma inevitável faz com que haja uma transformação nas redes de amizades. Para Teixeira et al. (2008, p. 02) no ingresso ao Ensino Superior:

Os colegas não são mais os mesmos, havendo a necessidade de estabelecer novos vínculos de amizade. Enquanto tais vínculos não se estabelecem, o jovem conta apenas com seus próprios recursos psicológicos e o apoio das redes formadas anteriormente ao ingresso na universidade (outros amigos e família) para enfrentar eventuais dificuldades que possam surgir pela frente.

Porém, mesmo os colegas não sendo mais os mesmos, os amigos que fiz fora do ambiente universitário foram muito importantes, pois, com o apoio deles, eu consegui enfrentar situações que sem os seus conselhos, eu não conseguiria ir adiante.

Como já coloquei antes, durante três anos fui bolsista de iniciação científica, e ao longo desse período encontrei bibliografias e autores que me ajudaram a entender o meu próprio processo de socialização, incluindo-se aí a transição de um nível para outro, como do Ensino Médio para o Ensino Superior. Um desses autores foi Alain Coulon. De acordo com Coulon (2008), para muitos estudantes, a transição do Ensino Médio para o Ensino Superior é marcada por diversas rupturas simultâneas, como: nas condições de existências, que pode gerar ansiedade e comportamentos que podem favorecer o fracasso; uma ruptura psicopedagógica, no qual a relação com o professor no Ensino Superior é reduzida, levando em consideração a intensidade do acompanhamento dos professores no Ensino Médio. Para Silva (2017, p. 81):

O período inicial da vida do estudante na universidade é marcado por *rupturas* que se dão no processo de transição de *status* de aluno para a posição de estudante. Nesse contexto, *filiar-se* é fundamental para a continuidade nos estudos, onde se aprende o ofício de estudante para que, só assim, se torne um membro do contexto social universitário (itálicos do autor).

Pensando no que os autores citados escreveram refletindo sobre essa minha transição, confesso que na época em que ela ocorreu eu mesma sofri muitos impactos, mas conscientemente só consegui identificá-los a pouco tempo. Me vem na memória que essa transição me resultou grandes crises de ansiedade, crises essas que eu tenho que lidar até hoje. Prazos, cobranças, provas, trabalhos em grupo. Tudo isso gera um estresse e acaba bagunçando o emocional de qualquer aluno.

Além disso, outra ruptura notável na minha carreira escola foi na dimensão psicopedagógica. No Ensino Médio, os professores parecem, de certa forma, se preocuparem mais com os alunos. Já no Ensino Superior, geralmente, há uma distância entre o professor e o aluno. Muitos professores não sabem

nem que já fomos seus alunos, quem dirá saber nosso nome. Porém, mesmo havendo rupturas significativas nesse meu processo de transição, acredito que elas, de certa forma, não favoreceram o meu fracasso, mas sim, me motivaram a continuar.

Após ingressar na UFRN, como todo aluno, de acordo com Coulon, passei nos primeiros meses pelas três fases de adaptação à Universidade. Para Coulon (2008), o estudante passe pela fase de *tempo de estranhamento*, seguida da fase do *tempo da aprendizagem* e “estacionando” na fase de *tempo de afiliação*. Na primeira fase, há uma separação com o passado familiar e percebemos que estar na faculdade não é semelhante a se estar no Ensino Médio. Os amigos não são os mesmos, as formas de avaliação também não. Tudo muda.

Já na fase de *tempo de aprendizagem*, acredito que tenha sido a minha fase mais longa. Nela, senti muita insegurança, dúvidas se eu realmente queria estar ali, com essas pessoas, com essa turma. Pensei por diversas vezes em abandonar o curso por não conseguir criar vínculos. Fiquei por muito tempo com essa ideia na cabeça, até que me conformei de que provavelmente não iria conseguir fazer amigos. Não obstante, para mim, a construção de amizades dentro da universidade passou a não ter um peso maior do que o desejo de obtenção de um diploma. E foi nesse momento que me senti preparada para a terceira fase, a fase do *tempo de afiliação*.

Nessa fase, eu já não era mais uma caloura. Minhas inseguranças sobre a permanência no curso haviam passado e eu poderia agora me considerar uma veterana. De acordo com Coulon (2008), a duração dessa passagem varia de pessoa para pessoa e ela depende da duração da segunda fase. Não posso dizer que a minha segunda fase durou mais do que a de todos os alunos, pois eu não teria como saber isso. Mas, a minha insatisfação com por não conseguir fazer amizades durou um bom tempo, acredito que mais que dois semestres. Considero que tenha sido muito tempo, pois o meu curso são oito semestres no turno da tarde, correspondendo a mais de um quarto da duração do meu curso com essa insatisfação. Porém, como dito anteriormente, me conformei na fase dois, segui para a terceira.

Após me conformar, havia momentos em que eu não tinha como escapar de uma socialização com os meus colegas da turma, e um desses momentos era o de trabalho em grupo. Trabalho em grupo é algo que realmente atormenta diversos alunos. Geralmente, fazemos trabalhos com amigos ou pessoas que temos alguma afinidade. Mas como é que fazemos trabalho coletivo se não me encaixo em nenhum grupo?

Por várias vezes tentei me encaixar em um grupo para fazer os trabalhos acadêmicos. Alguns davam certo, na medida do possível, já outros, não se saíam tão bem quanto o esperado. Não foram nem um ou duas vezes que tive problemas com trabalhos em grupo. Muitas vezes, uma boa parte do grupo não ajudava na elaboração do trabalho e eu acabei em incansáveis vezes tento que fazer tudo. Não me orgulho, mas é uma estratégia de “sobrevivência” utilizada por muitos alunos: fazer o trabalho e colocar o nome de componentes que não contribuíram com a produção do trabalho final. Isso me deixava realmente chateada, pela evidente injustiça no reconhecimento dos resultados, pois era por causa do meu esforço que eles iriam tirar a mesma nota que eu.

Porém, depois de muitas angústias sobre isso, percebi que quem perdia eram eles, e não eu. Contudo, da mesma forma que eu iria conseguir meu diploma de uma forma mais engajada, eles também iriam, mesmo sem terem se dedicando de forma autêntica aos conteúdos acadêmicos. Então, me pergunto: será que quando eles saírem da universidade, vão saber como atuar, seja em uma escola ou empresa? Para Paivandi (2009, p. 27):

(...) com certeza, as notas e o sucesso formal (obtenção de um certificado), objetivo esses traçados pela instituição, têm sua importância em um projeto educativo. No entanto, estes se referem aos resultados finais obtidos pelos estudantes e avaliados pelos professores, sem levar em consideração em conta o que permitiu obtê-los. Eles seriam sinônimos de aprendizagem de qualidade ou de uma apropriação pertinente? Os estudantes “bem-sucedidos” serão capazes de mobilizar seus conhecimentos acadêmicos de maneira adequada?

Essa tensão entre o que a universidade idealiza e o que os estudantes vivem ao longo do processo de aprendizado era visível nas atitudes de meus colegas de grupos de trabalhos, pois acredito que, apesar deles conseguirem notas para aprovação nas disciplinas, não se engajavam na realização das atividades em grupo. E isso para mim gerava um sentimento de injustiça, pois

eu realmente me dedicava às atividades acadêmicas. Dessa forma, acabava inculcando esse juízo de valor sobre a realidade, enxergava os trabalhos em grupo como um ambiente no qual se deveria praticar a ética e cooperação. No entanto, essa minha visão poderia não ser a mesma dos meus colegas, podendo ser para eles essa forma de agir apenas como uma estratégia de aprovação, e não uma atitude desonesta.

Após diversas tentativas de pelo menos permanecer em um grupo fixo para os trabalhos das disciplinas, eu finalmente consegui. Era um grupo grande, e pelo que me recordo, nunca tivemos problemas de convívio. E eu, sendo ingênua do jeito que sou, pensei: é uma ótima oportunidade para criar vínculos! Mas não, ainda dessa vez não consegui criar vínculos. Pode parecer um pouco dramático da minha parte, mas acredito que eu não seja a única a passar por isso.

Um dia, em um estudo com uma amiga que eu havia feito na base de pesquisa, Mariah², reparamos que havia duas formas de socialização: a socialização convival-curricular (SCC) e a socialização interpessoal-amigável (SIA). Para Medeiros e Costa (2016)³, a SCC tem seu peso maior na vivência acadêmica, nas atividades curriculares. Já a SIA é considerada como uma relação estudante-estudante, levando em consideração as experiências pessoal-grupal entre os amigos e colegas do curso, além da vivência social cotidiana extraclasse.

Nesse sentido, aplicando essa ideia a minha própria experiência de socialização, pude perceber que a minha SIA era praticamente inexistente. O meu grupo atual para a realização de trabalhos sempre saía juntos, nem que fosse para tomar um sorvete. Tinham um grupo em um aplicativo de conversas no qual passavam o dia inteiro conversando, combinando alguma saída ou até mesmo de irem para as casas uns dos outros. Foi então que eu percebi que a minha socialização era restrita apenas à SCC, no qual, só existia uma socialização restrita, porque reduzida ao ambiente da sala de aula e às atividades curriculares do curso, ou seja, as relações com os pares estaria

² Pseudônimo escolhido por Mariah

³ Artigo para o Congresso de Iniciação Científica (CIC) sob orientação do professor Dr. Adir Luiz Ferreira

praticamente relacionada apenas aos assuntos acadêmicos, como a produção de trabalhos e a apresentação de seminários.

Diante de tantas coisas que podem afetar o emocional de um aluno, como trabalhos, provas, redes de amizades, etc., eu me via em um nível de estresse que estava afetando a minha vida fora da universidade. Segundo Rios (2006), para sujeitos mais vulneráveis ao *stress*, as situações afetam o indivíduo segundo o momento e seu estado emocional, tendo um “filtro” que permite excluir, minimizar ou maximizar o efeito estressante. De acordo com essa mesma autora, os mediadores do *stress* podem ser classificados em três aspectos: os estilos de vida, os níveis de ansiedade e o ambiente familiar e social. Falarei aqui sobre o último aspecto, que acredito que tenha mais contribuição para o trabalho.

Como dito anteriormente, o indivíduo tem um “filtro” que permite excluir, minimizar ou maximizar o efeito estressante, mas, vocês já ouviram falar naquele ditado “quando não é oito é oitenta”? Então, para mim, era sempre oitenta. A pressão do ambiente universitário me fazia, de uma maneira cotidiana e inconsciente, maximizar as situações, me causando muito estresse. Eu me colocava provavelmente, para esses momentos acadêmicos, uma expectativa exacerbada e irrealista, pois a ideia que me dominava era a de que não precisava ser boa em apenas uma disciplina, tinha que ser boa em todas. De acordo com Rios (2006, p. 53):

A preocupação com a vida acadêmica leva a episódios que podem gerar o *stress* - conforme afirmam Baptista et al. (1998) - quando ocorrem variáveis como a mudança e perda de controle de um novo ambiente [...] e a sobrecarga de atividades escolares entre outros. Até o momento em que o indivíduo se sentir capaz de perceber e enfrentar a situação, ele provavelmente sofrerá as ansiedades, medos, incertezas e toda a sintomatologia que leva ao *stress*.

Ao mesmo tempo que eu tinha que lidar com diversas pressões externas, eu ainda tinha que lidar com a minha pressão, a minha cobrança interior. E uma forma de amenizar toda essa pressão seriam as relações sociais. Ainda de acordo com Rios (2006), as relações sociais formam um sistema de apoio, proporcionando ao indivíduo controle e domínio em situações difíceis. Mas eu

não tinha esse sistema de apoio, e tive que procurar outras formas para poder lidar com meu estresse e ansiedade. E essa outra forma foi a terapia. Demorei cinco semestres para resolver cuidar das minhas ansiedades para que assim, aprendesse a lidar melhor com certas situações na faculdade.

Como já dito em outras falas, a construção de amizades dentro da universidade passou a não ter um peso maior do que o meu desejo de obter um diploma. E, para Paivandi (2014), isso é uma perspectiva de aprendizagem, classificada como *perspectiva de desempenho*. Nessa perspectiva, os alunos pensam em ter sucesso, aprender coisas em relação à profissão e obter o diploma com uma boa menção. Os estudantes dentro dessa perspectiva concedem uma importância real para os seus estudos e para o sucesso escolar. Dessa forma, os estudantes tentam obter sobretudo boas notas, buscando compreender melhor as exigências do professor e adequando-se a elas, além de utilizar de todos os meios para melhorar o seu desempenho. Ainda segundo Paivandi (2015, p. 47), os estudantes dessa perspectiva desenvolvem a ideia do sucesso estratégico, que é:

[...] uma figura de desempenho universitário que dá conta da situação de estudantes que desenvolvem uma perspectiva de desempenho e que atingiram seus objetivos (sucesso total com boas notas). Esses estudantes [...] realiza seus percursos de forma eficiente e proclamam as virtudes do sucesso que resultam de suas práticas de estudo.

Para me manter na universidade, tive que traçar estratégias de aprendizagem e não só isso, tive que aprender o ofício de ser estudante, que seria “[...] aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou auto eliminar-se porque se continuou como um estrangeiro nesse mundo novo” (COULON, 2008, p. 31). E foi isso que fiz. Mesmo eu não me identificando com meus colegas de turma, eu tive que aprender a lidar com eles, para que assim, eu não abandonasse o curso. Ainda de acordo com Coulon (2008, p.43):

Os estudantes devem tornar-se nativos desta nova cultura universitária, tornarem-se membros dela, pois, para eles, isso é uma questão de sobrevivência. A noção de membro, que, para a etnometodologia, designa o domínio da linguagem natural do grupo ou de sua organização, permite compreender a necessidade e as condições dessa passagem para o status de nativo. Tornar-se membro, não é apenas tornar-se nativo da

organização universitária, é também ser capaz de mostrar aos outros que agora possuímos as competências, que possuímos os etnométodos de uma cultura.

Ainda sobre as estratégias de aprendizagem, de acordo com os pensamentos desenvolvidos por Entwistle e Peterson (2004), podemos distinguir entre os estudantes três tipos de estratégias de aprendizagem: *a abordagem profunda, a abordagem superficial e a abordagem estratégica*. Na primeira abordagem, o estudante busca o sentido em padrões e princípios subjacentes, verificando evidências e relacionando-as com conclusões, examinando lógica e criticamente os argumentos, além de procurar relacionar ideias com conhecimentos e experiências anteriores. Para Chaleta e Gárcio (2006, p. 230) a abordagem profunda:

[...] ocorre quando o estudante se debruça atenta e criticamente sobre o conteúdo com o objectivo de compreender, procurando relacionar novas ideias com conhecimentos anteriores e a sua transposição para a experiência quotidiana manifestando interesse activo nos conteúdos do curso.

Já a segunda abordagem refere-se ao estudante que reproduz os conteúdos e acaba por memorizar a maioria do que é estudado em sala de aula, focalizando em resultados mínimos e, conseqüentemente, atribui pouco valor ou sentido às atividades. E a última abordagem refere-se ao aluno que se dedica à autorregulação da aprendizagem, administra-se efetivamente o tempo e os esforços, sempre estando atento à aprendizagem e seu contexto, monitorando assim, suas formas de estudos e sendo responsável por ele mesmo e pelos outros de maneira consistente.

Fazendo uma reflexão acerca da abordagem de aprendizagem que utilizo, acredito que eu posso me classificar em duas: a abordagem profunda e a abordagem estratégica. Acredito que depende bastante do momento acadêmico em que me encontro. Em relação à abordagem profunda, eu sempre procuro me dedicar criticamente ao conteúdo, objetivando compreender o que está sendo trabalhado em sala de aula, mas também, como na abordagem estratégica, eu me dedico, me autorregulo e gerencio o meu tempo e esforço de acordo com as prioridades, como exemplo, nesse último semestre.

Durante a leitura do referencial teórico para a realização dessa sociobiografia, percebi que muitos autores trazem a socialização como um dos fatores fundamentais para um bom sucesso acadêmico na vida universitária. De acordo com Ferreira (2014, p. 131):

[...] a socialização universitária serve, simultaneamente, como meio de alívio afetivo, pela satisfação emocional e social (amizades, encontros, festas, passeios, sexo, relações amorosas), e como recurso comum e auto gerido para a realização bem-sucedida das tarefas acadêmicas e a compreensão dos conteúdos (apresentações em sala de aula, participação em eventos e boas notas).

Além disso, de acordo com Teixeira et al. (2008), as experiências durante o primeiro ano no ambiente universitário têm uma importância para a permanência no Ensino Superior e para o sucesso acadêmico do estudante. Para os mesmos autores, os estudantes que se integram academicamente e socialmente desde o início do curso têm mais chances do crescimento intelectual e pessoal do que aquelas que passam por dificuldades nessa transição.

Após tanto falar nessa sociobiografia de como a minha socialização durante o curso poderia ser considerada como um “fracasso”, pelas dificuldades de integração social com meus pares. Todavia, no meio de todo esse percurso, graças ao grupo de pesquisa que participava, tive a oportunidade de conhecer Mariah. Mesmo tendo contato com as pessoas do grupo de pesquisa, eu me identifiquei mais com Mariah pois ela era a única que também estava na graduação. Por muito tempo, eu vi o grupo de pesquisa como se houvesse uma distinção dos papéis de professor e de estudantes de pós-graduação, por exemplo, apesar de que nenhum membro do grupo se sentia superior. Mas confesso que era mais fácil criar um vínculo maior com alguém que estivesse passando também pela experiência da graduação, como eu mesma.

Acredito que, mesmo tendo uma vontade inabalável de conseguir meu diploma, quem me ajudou a querer ainda mais essa conquista foi ela. Nela, eu encontrei praticamente tudo que eu esperava encontrar na minha turma. O seu jeito acolhedor, atencioso e prestativo me fez ter forças para passar por grandes momentos (bons e ruins) na faculdade. No instante que criamos laços, eu passei a ter mais um motivo de querer ir à universidade, pois eu sabia que quando

chegasse na sala da base de pesquisa, ela estaria lá. Para Silva (2017, p. 87), isso é uma *cordialidade acadêmica*, com a qual:

[...] o estudante experiencia, por meio das trocas com seus pares, a esfera socializadora de caráter afetivo [...] como uma das estratégias de permanência. [...] através da relação com o Outro, uma maneira positiva para sua aprendizagem e afetivamente calorosa de prolongar a sua vivência na universidade.

Além de Mariah, já no final do curso, acredito que nos dois últimos semestres, eu tive a sorte de encontrar pessoas maravilhosas de outros períodos que me fizeram pensar que eu não estava ali à toa. Pessoas que estavam sempre dispostas a me ouvir reclamar sobre os trabalhos em grupo e até mesmo a me ajudar. Para Abrantes (2011, p. 125) “[...] a socialização é um processo permanente e nunca concluído, implicando esforços contínuos de atualização”. E foi com esforço contínuo que eu consegui fazer amigos. A garota que passou a graduação inteira praticamente sozinha finalmente podia dizer “*eu tenho amigos na faculdade e eles são uns anjos*”. Mesmo que eles não estivessem na minha turma, na minha sala, e mesmo que não fosse dez amigos, mas sim três ou quatro, eu sabia que eles estariam disponíveis sempre que necessário e eu só tenho a agradecer.

Para finalizar, trago uma citação de Paivandi (2014, p. 50) que me faz refletir sobre as vantagens, por assim dizer, de se ter uma boa socialização “toda socialização constitui um fenômeno interacional e um processo de aquisição de saberes que se impõem ao desenvolvimento de trocas e nos laços sociais”. E me faz pensar: por eu ter sido, de certa forma, “privada” de uma boa socialização, será que eu deixei de ter alguns aprendizados, visto que a socialização faz com que haja uma troca de saberes entre os indivíduos? Que formação foi essa a minha em comparação a outras formações de pessoas que conseguiram desenvolver um grupo maior de amigos/colegas? Será que essas pessoas puderam questionar mais sobre conteúdo, pôr em xeque suas ideias?

Diante desse relato de experiência vivido no curso de Pedagogia, sobre o meu processo de socialização, fica impossível não pensar: será que o sucesso no processo de socialização é um fator determinante e imprescindível para a permanência do jovem no ambiente universitário? E se é, por que não foi um

fator determinante para mim, sendo, ao contrário, um desafio jamais superado no meu percurso acadêmico?

Acredito que, *determinante* seja uma palavra muito forte, uma vez que ela signifique que algo seja decisivo sobre alguém ou alguma coisa. De fato, a socialização é um fator muito importante para a permanência de alguém em qualquer canto, seja na universidade, trabalho e que de fato se, eu tivesse tido um sucesso desde o início nesse fator, eu teria tido uma graduação bem mais tranquila.

Porém, mesmo que a socialização seja um fator de extrema importância para a permanência no ambiente universitário, eu consegui sobreviver, lidando com altos e baixos (mais baixos do que altos, digamos). Podemos dizer, por isso, que talvez eu seja uma exceção à regra? Acredito que sim, ou pelo menos eu me percebia como alguém que fazia parte de uma minoria, para a qual a socialização acadêmica, aconteceu de forma tardia, tendo considerando-a até mesmo, durante muito tempo, após o fracasso das minhas tentativas iniciais, como irrelevante no cotidiano da minha vida de estudante. De fato, foi essa a minha peculiar experiência socializadora na Universidade, diante de toda a dificuldade para que eu criasse laços em um ambiente totalmente estranho e desconhecido, passando pela transição turbulenta do Ensino Médio para o Ensino Superior e algumas vezes, inclusive me levando a pensar em desistir. Porém, cheguei aqui, no último semestre e estou escrevendo o meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por conseguinte, nesse quadro de quase desistência, de socialização tardia, talvez propensa ao abandono e baixo desempenho; mas, ao contrário tendo tido perseverança, produtiva na formação profissional e decisiva na minha autoconfiança pessoal e autoestima acadêmica, com a finalização consistente do curso de pedagogia, há uma pergunta que eu ainda não sei responder: *por que eu fui essa exceção, ou representante de uma minoria no meio universitário?* Será que o apoio familiar e de amigos teve algo com isso, ou será que minha vontade de conquistar um diploma era maior do que qualquer outra coisa? Ou será uma junção dos dois fatores? Realmente, não sei. Só sei que depois de tanto *aperreio*, eu estou há um passo de finalmente conseguir o que eu tanto almejava desde pequena: o meu diploma de um curso do Ensino Superior. Mas

não é um diploma qualquer, é o diploma do curso que eu escolhi e batalhei para tê-lo.

Assim, poderia ensaiar uma interpretação para o meu percurso acadêmico bem-sucedido, apesar das dificuldades com a socialização com os colegas, como fruto da minha própria representação pessoal e simbólica inabalável da importância do diploma do curso de pedagogia; associado a essa valorização do curso, também acabei descobrindo e desenvolvendo um processo de socialização mais individualizado, isto é, menos grupal, porém intenso e extremamente significativo, através da figura de uma pessoa que se configurou como um “outro significativo” crucial para a minha evolução pessoal e acadêmica.

Ao longo da elaboração dessa sociobiografia, pude refletir sobre a minha formação, além de refletir sobre o *meu eu*. Eu não sou a mesma Jennifer que entrou em 2014. No início, eu me sentia uma pessoa frágil, que poderia desmoronar com o mínimo possível. Mas as minhas experiências (boas e ruins) me fizeram crescer, amadurecer e a aprender a lidar com situação que eu jamais poderia imaginar que conseguiria e, de uma forma direta, refletiu em minha formação. Mesmo não tendo tido muitas oportunidades de trocas com meus pares, eu sinto que a minha formação foi completa, apesar disso. Pode não ter sido completa aos olhos de outras pessoas, mas para mim foi, e eu acredito que isso é o que importa. Sinto que eu posso não estar 100% preparada para o mundo fora da universidade, mas que eu vou conseguir lidar muito bem com ele.

3. Considerações finais

Em suma, após uma análise sobre os meus próprios momentos de socialização no curso de Pedagogia e a exposição sobre as estratégias e razões que me motivaram a continuar, acredito que com essa sociobiografia eu pude me conhecer melhor, tanto de uma forma emocional quanto de uma forma acadêmica. A partir das leituras, pude perceber e refletir sobre o meu processo de socialização por uma visão mais crítica. Acontecimentos que passei que, para

mim, na época não faziam sentido, hoje vejo que foram de fundamental importância, como as rupturas simultâneas do Ensino Médio para o Ensino Superior que, de uma forma inevitável, acontecem; as formas de estratégia de aprendizagem que, hoje sei são estratégias, pois na época eram apenas ações sem um cunho reflexivo; ou até mesmo as formas de socialização SCC e SIA que me fizeram perceber que, mesmo eu não tendo uma socialização para além dos muros da Universidade, eu tive uma socialização, porém, não determinante para a minha permanência no Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Pedro. **Para uma teoria da socialização**. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXI, 2011, pág. 121-139.
- BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade. In: **A construção social da realidade tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.
- CHALETA, Elisa; GRÁCIO, Luisa. Concepções e abordagens: duas dimensões do aprender no Ensino Superior. In SOBRINHO, Moisés Domingos; ENNAFAA, Ridha; CHELETA, Elisa (Coords.). **La educación superior, el estudiantado y la cultura universitária**. Neopátria, València, 2016.
- COULON, Alain. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Tradução de: Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008. 278 p.
- ENTWISTLE, Noel; PETERSON, Elizabeth. **Conceptions of learning and knowledge in higher education**: relationships with study behavior and influences of learning environments. International Journal of Educational Research, Contemporary Research Center, Adelaide (Austrália), n. 41, p. 407-428, (mensal) Mars, 2004.
- FERREIRA, Adir L. **Entre flores e muros**: narrativas e vivências escolares. Porto Alegre: Sulina., 2006. 262 p.
- FERREIRA, Adir L. **Havia uma sociologia no meio da escola**. Natal [RN]: EDUFRN - Editora da UFRN, 2004.
- FERREIRA, Adir L. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. **Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, jan./abr., 2014
- MATOS, Elizete Lúcia Moreira. **Escolarização hospitalar**: educação e saúde de mãos dadas para humanizar. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MEDEIROS, Marília do Vale Góis Pacheco; FERREIRA, Adir Luiz; COSTA, Jennifer Juliana Barreto Bezerra. **A socialização universitária e suas faces: um olhar mais próximo de uma estudante e suas (dê)s motivações**. XXVII Congresso de Iniciação Científica e Tecnológica – CIC UFRN. Natal, 2016. Disponível em: <<http://cic.propesq.ufrn.br/trabalhos.php##resultado>> Acesso em: 03/05/2018.
- MÜLLER, Fernanda. **Socialização na escola**: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças. Revista Educar - Editora UFPR. Curitiba, 2008. p. 127-241.
- PAIVANDI, Saeed. A relação com o aprender na universidade e o ambiente de estudos. **Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, p. 39-64, jan./abr., 2014.
- PAIVANDI, Saeed. Que significa o desempenho acadêmico dos estudantes? In: **Observatório da vida estudantil**: avaliação e qualidade no ensino superior: formar como e para que mundo? - Salvador: EDUFBA, 2015. 23-59p.

RIOS, Olga de Fátima Leite. **Níveis de stress e depressão em estudantes universitários**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. São Paulo, 2006.

SILVA, Edilene Dayse Araújo da. **Quando desistir não é uma opção: socialização e estratégias de permanência de estudantes populares da UFRN**. Natal: UFRN, 2017. 147f.

TEIXEIRA, Marcos Antônio Pereira et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, Uberlândia, v. 12, n. 1, Janeiro/Junho, 2008

TURNER, Jonathan H. **Sociologia, conceitos e aplicações**. São Paulo: Makron Books, 1999.